

Sem chance e sem educação

JOÃO A. SUCUPIRA*

As manifestações de rua contra o alto índice de desemprego vêm se alastrando pela Europa a passos largos. Primeiro foi na França, com protestos inflamados contra a política do socialista Lionel Jospin e agora na Alemanha, com desfile nas ruas de Berlim e gritos de fora Kohl. Na Alemanha, o índice de desemprego de 12,6% é o mais elevado do pós-guerra, são quase cinco milhões de pessoas sem trabalho. No lado oriental a taxa de desemprego ultrapassa os 20%.

No Brasil, o desemprego ainda não levou manifestantes às ruas como na Europa, muito em função do crescimento da informalidade, mas já ganhou destaque na mídia. As últimas informações divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística sobre o desemprego mostram que no mês de dezembro do ano passado a taxa foi a mais alta desde 1992 (4,83%) e o índice anual subiu de 5,42% em 1996 para 5,66% em 1997.

Esse índice pode parecer baixo comparado aos dos países europeus. Se olharmos a diferença de um ano para o outro também não chega a ser um aumento significativo. O fato de nos últimos 14 anos nunca ter havido um mês dezembro com taxa de desemprego tão elevada também poderia ser amenizado pelo crescimento na oferta de emprego previsto para este ano, em função da expectativa de realização de obras públicas eleitorais. Apesar das previsões nada alvissareiras para o crescimento da economia, não podemos esquecer de que este é um ano de eleições. Então, por que tanto alarde?

Na verdade, o quadro é mais preocupante do que se afigura à primeira vista. Pelos dados do IBGE, houve uma redução de 4% nos postos de trabalho na indústria de transformação ao mesmo tempo que o emprego cresceu 0,7% no comércio e 1,4% em serviços. Afora a dis-

tribuição do desemprego pelos setores da economia, outro dado relevante da pesquisa do IBGE é o que diz respeito à distribuição pelo grau de instrução dos empregados.

A pesquisa mostra que o desemprego é maior entre a população com nível de instrução mais baixo. Enquanto a participação dos trabalhadores com até o primeiro grau completo caiu nos últimos dois anos de 59,14% para 56,88% do total, os trabalhadores com nível superior aumentaram sua participação de 15,67% em 1996 para 16,39% em 1997.

Os dados mostram o que já se esperava. Para se tornarem mais competitivas num ambiente de liberalização do mercado interno aos produtos estrangeiros, as empresas desde o início desta década passaram a contratar menos trabalhadores. Tanto o aumento das importações quanto a elevação da produtividade nas empresas, decorrente da utilização de tecnologia moderna, são fatores importantes para se entender a tendência da redução do emprego. Um mesmo volume de investimentos passou a gerar menos empregos. É o famoso efeito da globalização. estima-se que por volta dos anos 20 do próximo século a indústria nos países ricos será responsável por apenas 2% do emprego total, ou seja, a maioria esmagadora das pessoas estará ocupada no setor de serviços, trabalhando com pessoas e informações. Portanto, os dados da pesquisa do IBGE apenas refletem uma mudança estrutural no perfil do emprego que vem se dando ao longo dos anos.

Mas até quando este ajustamento das empresas continua? Será que o impacto mais negativo já passou? Ou estamos diante de um processo contínuo, irreversível e impossível de ser administrado com vistas a não gerar desemprego? Se o impacto mais negativo já passou não sabemos, mas o que é inegável é a irreversibilidade do avanço tecnológico, cada vez mais rápido, exigindo das empresas conti-

nua modernização de seus produtos e serviços para não serem alijadas do mercado pela concorrência. Porém não há porque aceitar que esta estratégia empresarial gere necessariamente desemprego na economia como um todo.

Se os novos modos de produção e de organizar o trabalho, se máquinas e robôs estão substituindo pessoas e se as empresas demandam profissionais qualificados e dispensam aqueles que foram preparados para funções repetitivas, isto não quer dizer que esse desemprego se espalhe por todo o mercado de trabalho. Como se sabe, países como Japão e Coreia, entre outros, foram capazes de manter alto nível de emprego mesmo com um crescimento econômico baseado num intenso processo de mudança tecnológica, graças ao volume considerável de recursos destinado para a educação de suas populações. Houve naqueles países uma preocupação governamental visando adequar o nível dos seus trabalhadores às exigências do mercado.

É papel do Estado coordenar estratégias de política que possibilitem mudanças no perfil da mão-de-obra, a partir da melhoria da educação no país. Como se sabe o Brasil possui um grave problema de qualidade de ensino que precisa ser enfrentado com mais determinação e mais recursos. Além da questão da melhoria na educação, que ataca o problema estruturalmente, várias outras medidas devem ser exploradas, tais como política industrial que facilite a redistribuição dos investimentos, diminuição das horas trabalhadas e incentivo às atividades não lucrativas intensivas em trabalho humano e com amplo alcance comunitário, dentre outras.

O desemprego só será inevitável se a sociedade ficar de braços cruzados e deixar para o mercado a tarefa do ajustamento.

*Pesquisador do IBASE e professor da Universidade Estácio de Sá.